

VIRGEM EM ARMAS: O CULTO MARIANO COMO INSTRUMENTO DE GUERRA E ESTADO

The virgin at arms: The marian cult as an instrument of war and state

Rodrigo Portella¹

Resumo: A tradição católica moderna frequentemente representa Maria, mãe de Jesus, por meio de imagens associadas à ternura, à proteção e à serenidade. Entretanto, ao longo da história do catolicismo, sua figura simbólica também esteve vinculada a discursos e práticas relacionados ao militarismo, às disputas políticas e aos conflitos territoriais. Em diferentes contextos históricos, Maria foi apropriada como símbolo de legitimação bélica e identidade política, especialmente em sociedades marcadas por guerras e processos de consolidação nacional. Este artigo apresenta, de maneira introdutória, algumas representações históricas e simbólicas da Virgem Maria em sua relação com os universos político, militar e religioso, destacando os sentidos belicosos atribuídos à sua imagem.

Palavras-chave: Maria; Militarismo; Política; Catolicismo; Simbolismo Religioso.

Abstract: Modern Catholic tradition often portrays Mary, the mother of Jesus, through images associated with tenderness, protection, and serenity. However, throughout the history of Catholicism, her symbolic figure has also been connected to discourses and practices related to militarism, political disputes, and territorial conflicts. In different historical contexts, Mary was appropriated as a symbol of war legitimation and political identity, especially within societies shaped by wars and processes of national consolidation. This article presents, in an introductory manner, some historical and symbolic representations of the Virgin Mary in relation to political, military, and religious spheres, emphasizing the bellicose meanings attributed to her image.

Keywords: Mary; Militarism; Politics; Catholicism; Religious Symbolism.

¹ Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor Associado IV da Universidade Federal de Juiz de Fora, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, no Bacharelado e na Licenciatura em Ciência da Religião e no Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas.

Introdução

Na antiguidade cristã e no início da Idade Média – particularmente durante e após a reforma carolíngia – a nobreza bárbara necessitou de Maria para legitimar a sua *nobilitas*². Assim, Maria, da figura bíblica de serva do Senhor (Lc 1.38), passa à figura de Rainha, à nobreza (SCHREINER, 1996, p.305-432). Ora, como Constantino viu em Cristo o seu general, a nobreza franco-germânica que ascendia ao cristianismo viu em Maria sua representante, em uma cultura em que os títulos de nobreza eram conquistados pelos guerreiros como honra devida ao heroísmo, lealdade e feitos militares.

Maria, portanto, feita Rainha, é posta como que comandante-em-chefe nas batalhas cristãs, como bem figurava à nobreza³. Assim, a imagem de Santa Maria da Vitória, título dado a Maria após vitórias em batalhas, faz jus a esta lógica. Maria aparece no trono com o cetro, como Mãe coroada do coroado Rei do universo, ou sendo coroada no Céu. Mas se a *nobilitas* medieval leva a coroa à frente de Maria e o cetro à sua mão, a figura de Maria como Senhora Celeste é, ainda, de anterior matriz, já pintada em igrejas do fim da antiguidade e início da alta Idade Média, em que “Maria é a Rainha do Céu, título herdado de Astarte-Astarote. Esse aspecto da deusa é simbolizado pelo seu manto de cor azul, cintilante de estrelas; ela é lunar, como Ártemis” (SHELDRAKE, 1993, p.38). Também nas mitologias – segundo Grün e Reitz (2009, p.47) – a grande Mãe é muitas vezes representada sentada no trono, ou na montanha.

Ser nobre, na Idade Média, é ser cavaleiro e, por sua vez, ser cavaleiro é ser guerreiro. Maria, alçada à nobreza, também é vista, naturalmente, como guerreira, isto é, cavaleira que protege o reino, a Igreja e o povo. Portanto, é a

² Segundo Isidro-Juan Palacios (**Aparições de Maria**. Lenda e realidade sobre o mistério mariano, p. 229) houve reis – como Alfonso VI, Fernando III, Alfonso X – cujas mãos a Virgem Maria terá beijado, o que revela a íntima associação entre a religião e a nobreza tendo como símbolo, para tanto, a Virgem.

³ A nobreza sempre procurou colocar em evidência a relação entre piedade católica e cavaleirismo ou militarismo. São conhecidas as Ordens militares ou de cavalaria cristã medievais, algumas das quais chegaram aos nossos tempos e ainda buscam, de alguma forma, preservar os valores da nobreza associados aos da piedade cristã, como, por exemplo, a Ordem Soberana e Militar Hospitalária de São João de Jerusalém, de Rodes e de Malta (vulgo Ordem da Cruz de Malta) ou a Ordem Equestre do Santo Sepulcro de Jerusalém.

partir desta relação simbólica entre Maria e a nobreza que se deve compreender como Maria, de figura histórico-bíblica obscura, passa a ser aquela que, à uma mão tem o cetro, e à outra a espada, a defender reinos e definir o futuro de nações e povos, como veremos a seguir.

A história das nações compreendida como vitórias de Maria

Em Portugal, Dom João I (1357-1433) manda construir um mosteiro (Nossa Senhora da Vitória, ou da Batalha), no local que adquiriu o mesmo nome (Batalha), por considerar que a vitória portuguesa na batalha de Aljubarrota (1385) devia-se à invocação de Maria (século XIV).

Aliás, a história de Portugal foi interpretada, algures, como a história de uma nação fundada e guiada, nos seus momentos históricos mais importantes, pela Virgem Maria, como atesta o livro de José Maria Félix, “Santa Maria e Portugal” (1939), em que Maria surge atuante nos “triunfos do passado”, “nas batalhas do presente” e na “vitória do futuro”, sendo compreendidas as batalhas do presente como a luta de Maria contra a “revolução demo-liberal”, a “revolução comunista”, e a “revolução neo-pagã”⁴.

Pode-se afirmar que, desde seu início, na batalha de Ourique, houve esta autocompreensão de que Portugal nasceu para vencer os “inimigos da cruz” e alastrar o Reino de Cristo sobre a terra (SANTOS, 1996, p.21). De fato o reino português, outrora, entendia-se, sob Afonso Henriques e seus sucessores, como vassalo da Virgem Maria, pois Dom Afonso Henriques prestou compromisso de vassalagem a Santa Maria de Claraval, tomando Nossa Senhora como advogada de Portugal junto a Deus, e prometendo, em seu nome e de seus sucessores, pagar perpetuamente à Abadia de Claraval, todos os anos, na festa

⁴ Quando da derrota das tropas napoleônicas na Roliça e no Vimeiro, em Portugal, o povo arrancou em louvores no que ficou conhecido como “cântico a Maria santíssima em acção de graças por nos ter livrado dos pérfidos e malvados franceses” (Manuel José Macário do Nascimento Clemente, **Maria na devoção dos portugueses: uma devoção nacional?**, p. 170), isto é, daquela nação que difundia o iluminismo pela Europa. E Fátima, ao seu tempo, tornou-se a versão moderna desta interpretação, desta vez, entretanto, em batalha contra os liberais, republicanos e maçônicos.

da Anunciação da Virgem, a quantia de cinquenta *maravedis* de ouro, como sinal de feudo e vassalagem (SANTOS, 1996, p.21).⁵

Mas talvez a história mais importante para a cristandade, a mostrar Maria como vitoriosa nas batalhas, seja a da batalha de Lepanto, em 1571. A vitória das tropas leais ao Papa, ao defender a cristandade da ameaça moura, foi atribuída diretamente à Virgem do Rosário, que teria conduzido as tropas cristãs.

A imagem de Maria ia à frente do principal navio de guerra, a mostrar em nome de quem se lutava e a quem era atribuída a força das tropas. Pio V (1504-1572), o Papa de Lepanto, teve, conforme Giulietti (2014, p.56), “mais confiança na oração do que nas armas. Por isso se preocupou para que todos os soldados carregassem a coroa do rosário”. Assim o Rosário não é interpretado, na altura, apenas como meio de meditação sobre a vida de Cristo ou de Maria, mas como arma eficaz de vitória dos cristãos sobre seus inimigos. Devido a este auxílio celeste, o Papa incluiu na Ladainha de Nossa Senhora a invocação “auxílio dos cristãos” e instituiu a Festa de Nossa Senhora do Rosário da Vitória para o dia em que ocorreu a vitória militar de Lepanto, isto é, sete de outubro.

Entrementes, a partir do fim do Renascimento, o Rosário não é mais difundido, preferencialmente, como arma contra os inimigos de Deus e da Igreja Católica, mas particularmente como meio da salvação individual. Apesar da legenda, a seguir, ser atribuída a uma santa medieval, o contexto de quem a relata é o do século XVIII: “certo dia Nosso Senhor apareceu a Santa

⁵ O historiador José Hermano Saraiva, entrementes, faz notar que esta vassalagem à Virgem de Cister – em estreita ligação ao pedido de Dom Afonso Henriques para a vinda dos cistercienses para terras portuguesas e consequente fundação do mosteiro de Alcobaça –, deitava raízes em razões político-militares estratégicas, já que, para o Reino português se fortalecer de fato, era necessário povoar as terras entre o Douro e o Tejo, e ninguém mais do que os monges sabiam fazê-lo, já que cada mosteiro, com sua grande estrutura, fazia brotar, ao seu redor, povoações e vilas (José Hermano Saraiva, **Lugares históricos de Portugal**, p. 256-263). Percebe-se, também aqui, como os interesses da nobreza (político-militares) e da religião se entrelaçavam e se apoiavam mutuamente, sendo que, neste caso, Maria, em sua devoção bastante difundida e reforçada pelos monges de Cister, passa a ter um *locus* privilegiado na intersecção de tais relações.

Gertrudes. Vendo-o contar moedas de ouro, a santa ousou perguntar-lhe o que estava contando. Jesus respondeu: estou contando as tuas ave-marias; é essa a moeda com a qual se adquire o meu paraíso” (MONTFORT apud GIULIETTI, 2014, p. 59).

Contudo, a compreensão mais individualista, do tipo “salva a tua alma”, da devoção ao Rosário – dentre outras relacionadas a Maria – é tardia, devedora de um “romantismo católico”, se assim pode-se dizer, que teve início no século XVIII e seu ápice no século XIX. Antes, contudo, Maria é mais “viril”, com o perdão da contradição em termos. Alguns de seus títulos assim o dizem.

No século XVII, Hipólito Marracci elenca alguns títulos de Maria, dentre os quais: *Castrum* (praça forte), *Interemprix* (matadora), *Pugnatrix* (combatente), *Vindex innocentium* (vingadora dos inocentes), *Vulneratrix* (golpeadora), *Ereptrix* (espoliadora), *Gladius* (espada). (BOFF, 2006, p.275). Estes exemplos mostram que, se por um lado Maria é identificada como a misericordiosa advogada e Mãe compassiva, protetora de nobres e de plebeus; seguro firme para as parturientes e para os que morrem; invocada para o leite da amamentação e para o bom termo das viagens, bem como para a boa educação ou conselho; também é ela não só doce para os seus, mas terrível para os descrentes, hereges, pagãos e mouros. Em uma mão, misericórdia para os cristãos; em outra, flagelo para os infiéis.

A Virgem das batalhas, em uma mesma guerra, podia ser invocada pelos dois lados beligerantes. “Maria luta contra Maria”, por assim dizer. O fado coimbrão de Zeca Afonso, *Senhora do Almortão*, dá voz para antiga música folclórica beirã, que canta | reza: “Senhora do Almortão | ó minha linda raiana | virai costas a Castela | não queiras ser castelhana”. O fado cita a Senhora que defende as raias | fronteiras contra o inimigo espanhol, e que deve escolher entre ser lusa ou ser castelhana nas cizânias fronteiriças; afinal, Maria é venerada – e invocada nas batalhas – em ambos os lados da fronteira. Maria, portanto, é

diplomata de nações, mas, se necessário for, generala ou soldado. Por vezes, é na sutileza de sinais que demonstra sua identidade nacional.

Sob o domínio filipino, na verdade, seria proibida a procissão que o povo de Lisboa fazia à Senhora da Escada lembrando a vitória de Aljubarrota (...) e o que aconteceu foi a insistência dos patriotas junto da Virgem Maria pela recuperação da independência. Sobreveio que, tendo o governo filipino mandado cortar pinheiros junto à Senhora da Atalaia, eles se entortaram milagrosamente (...). Não era o sinal do desagrado do céu com os espanhóis? (...). E foi muita, nesses anos difíceis, a procura de livros de devoção mariana. (CLEMENTE, 1991, p.169).

Durante muitos séculos, cidades emitiam decretos em nome de Deus e de Maria, que era considerada a principal protetora das cidades. (SCHREINER, 1996, p.364). Vários reinos eram consagrados a Maria, isto é, tornavam-se *Regio Mariae* (como a Baviera, por exemplo), e ostentavam em suas armas e bandeiras a figura da Virgem. A Virgem, inclusive, também frequentou as fronteiras em que *Mamon* é senhor, isto é, a economia monetária, quando, por exemplo, Luís, o Grande (morto em 1382) fez cunhar, na Hungria e na Polônia, moedas com a imagem de Maria como Patrona do Reino. (BOFF, 2006, p.170). Mais envolvimento com o século, impossível.

Maria figurava, em vários sítios, em selos, bandeiras, cartas de cidadania, feitorias de cavaleiros. Mais tarde, Maria não será apenas patrona de povos e reinos, mas de todo o *orbe*, inclusive do ateu, agnóstico ou pertencente a outras tradições religiosas, através das consagrações do mundo a Maria, particularmente da consagração da Rússia comunista, que têm início com Pio XII, em 1942, e estende-se a João Paulo II, em 2000.

Aliás, o século XIX e, principalmente, o século XX, foram épocas em que Maria foi novamente convocada a novas batalhas e conquistas. Desta vez,

contudo, mais simbólicas e incruentas⁶. Assim, também Nossa Senhora Aparecida, proclamada padroeira e rainha do Brasil em plena República (1931), – com a presença do presidente e de ministros de Estado (BRUSTOLONI, 2008, p.346) –, mostraria que “a batalha pela alegoria feminina (da República) terminou em derrota republicana. Mais ainda, em derrota do cívico perante o religioso”. (CARVALHO, 1990, p.94). A Igreja, destronada diante da sociedade que se secularizava, reclama para a pátria uma Mãe, uma interventora, e batiza a nova *orbe* civil e secular, não só com uma patriótica Mãe, mas com uma Rainha, a despeito da República.

Se até metade do século XX a participação da mulher na vida pública é ínfima – ao menos oficialmente –, Maria reverte esta realidade, já que é colocada à frente de batalhas, protegendo cidades e Estados, sendo solicitada nas mais diversas circunstâncias da vida por mulheres e homens de todos os estratos sociais. Em épocas em que Céu e Terra se confundiam, sagrado e profano andavam de mãos dadas, o secular e o religioso viviam entre amores e traições, o natural e o sobrenatural se sobrepunham mutuamente e os mortos eram tão vivos – ou até mais – do que os propriamente vivos, Maria, entre a cidade de Deus e a dos humanos, era talvez a criatura mais atuante e mais presente.

Maria contra mouros e protestantes: as batalhas religiosas

Bisinoto (2014, p.111s) e Zanon (2007, p.192) enumeram várias intervenções de Maria a favor dos católicos em lutas bélicas contra seus inimigos. Vou, em um fôlego, a algumas delas. Após a invasão moura à Península Ibérica no século VII, Pelayo, em 722, expulsa os invasores em Covadonga,

⁶ É interessante que Maximiliano Kolbe (1894-1942) tenha fundado, em 1917, uma obra cujo epíteto é “Milícia da Imaculada”, e Frank Duff (1889-1980), em 1921, na Irlanda, fundado a Legião de Maria, cujo objetivo era “entrar em guerra espiritual contra o ‘mundo’ e seus poderes” (Clodovis Boff, **Mariologia social**. O significado da Virgem para a sociedade, p. 278).

recorrendo à Virgem, e a igreja da Virgem da Vitória, construída no século XV, em Toledo, recorda esta façanha.

A devoção a Nossa Senhora do Patrocínio tem origem nas lutas dos cristãos contra os muçulmanos, em Espanha, pois os cristãos colocaram-se sob o patrocínio (proteção) de Maria e, uma vez vencidas as batalhas, a invocação da Virgem do Patrocínio foi incrementada, justamente, pelo exército vencedor. (ZANON, 2007, p.204).

A invocação a Nossa Senhora da Defesa tem origem militar. Em 1410, durante uma invasão goda em Ampezzano, Itália, o povo da região teria invocado a ajuda da Virgem Maria que, por sua vez, teria aparecido sobre as nuvens, num trono e com uma espada na mão. Ao ataque do exército inimigo, Maria teria descido sobre a vila e, criando espessa bruma, confundido os soldados, que acabaram atacando uns aos outros. (ZANON, 2007, p.97). No século XV os muçulmanos invadem parte da Europa Oriental e, neste caso, é João de Capistrano (1386-1456) que os derrota em 1456, em Belgrado, ao invocar a Virgem.

Já em 1683 os turcos atacam a catolicíssima Viena, mas são derrotados mediante a invocação da Virgem Maria. Em agradecimento, Inocêncio XI estabelece a festa do Santíssimo Nome de Maria, a 12 de setembro. Transportando-nos até 1809, Napoleão Bonaparte invade os territórios italianos e aprisiona Pio VII, deportando-o para Savona, na França. O Papa recorreu à Virgem para ser liberto, libertação que ocorreu em 1814. Em gratidão, o pontífice instituiu as festas de Nossa Senhora de Savona e a de Nossa Senhora Auxiliadora. A lista seria longa...

Contudo, se há um inimigo verdadeiramente sutil e gravemente perigoso, este é o inimigo interno, o que está na própria casa, o lobo travestido de cordeiro. Portanto Maria surge, a partir da Idade Média, como guardiã da ortodoxia contra as heresias. A Ordem dos Frades Pregadores, surgida em boa

medida por causa do combate aos albigenses no sul de França, terá como origem, segundo a legenda relatada nas *Vitae Fratrum*, a visão tida por um monge, em que Maria suplica a Jesus – este irado contra a humanidade – a instituição de uma Ordem predicante para a salvação dos pecadores. Jesus, na legenda, responde a Maria: “visto que não é conveniente que eu te negue coisa alguma, darei a eles os meus pregadores, mediante os quais sejam iluminados e corrigidos”. (GIULIETTI, 2014, p. 34). Assim como a dona de casa cuida do lar, zelando para que tudo esteja arrumado, limpo e provido, Maria seria a primeira a zelar pelo lar dos cristãos, a Igreja, e, como boa mãe judia, pela imagem de seu Filho.

O Santuário de Nossa Senhora das Vitórias, em Paris, foi, por exemplo, erigido para celebrar a vitória de Luís XIII sobre os calvinistas, em 1628. (BOFF, 2006, p.293). E Leão XIII afirma, por sua vez, na encíclica *Supremi apostolatus*, que o Rosário é “remédio contra as calamidades da época” e contra os ataques de “um século extraviado”, lembrando que ele já foi “poderosa arma de guerra” contra os albigenses e os turcos, ou seja, contra os hereges. (BOFF, 2006, p.115).

Maria e as batalhas no novo mundo

A imagem belicista de Maria também despontou, com força e eficiência, no novo mundo. Se antes Maria lutava contra os mouros e contra os hereges, agora lutará contra os povos autóctones das Américas que, porventura, se neguem a crer na mensagem cristã. Portanto, a boa nova terá de ser boa por bem ou por mal. Assim, a conquista das Américas, efetuada pelos espanhóis, foi imputada à Virgem Maria, sob o título de “conquistadora”.

Maria, na conquista das Américas, quando aparece aos nativos, também é para levá-los à fé católica, confirmando, assim, de certo modo, a conquista espiritual, como em Coromoto, em que terá aparecido a um chefe indígena

venezuelano convidando-o a batizar toda a sua tribo. Após o batismo de cerca de setecentos indígenas, Maria terá aparecido, novamente, a todos os habitantes da aldeia, demonstrando seu contentamento pelo fato das conversões. (ZANON, 2007, p.93).

Mas não foi somente na conquista às terras dos povos autóctones das Américas – conquistas para Deus e seus reinos católicos de Espanha e Portugal, claro – que Maria esteve a lutar. Após conquistadas as terras e estabelecidas nas Américas as colônias e, mais tarde, nações, Maria continuará a atuar como garante daqueles que se creem ao lado de Jesus Cristo. José de San Martín, em suas campanhas de independência de nações sul-americanas, deu à Virgem do Carmo o título de “general” de seus exércitos, depois das vitórias em Maipú e Chacabucu; igualmente Hidalgo, no México, pinta a imagem da Guadalupana num lenço hasteado numa lança que vai adiante do exército na vitória de Celaya (GEBARA; BINGEMER, 1987, p. 152).

Maria, que fora trazida pelos colonizadores espanhóis às colônias das Américas, torna-se, mais tarde, *criolla* e luta pela emancipação destas mesmas colônias de que era guardiã e conquistara para os espanhóis. Ou seja, a Maria *criolla* americana luta contra a Maria colonizadora espanhola. É o caso do México – com o Padre Miguel Hidalgo e seu estandarte da Guadalupana –, de Simon Bolívar, de Lavalleja, no Uruguai, e a devoção a Nossa Senhora de Luján del Pintado, tornada em Nossa Senhora dos Trinta e Três. (CAMPANHA, 1999, p.54).

Portanto, “na luta político-social que terminaria com a separação da América das suas metrópoles europeias, Maria Santíssima não deixou de influir com a candura do seu sorriso e o poder de sua intercessão”. (BRANDÃO, 1958, p.98). Sorria para uns e fechava-se aos outros a quem no século XVI sorria. Não intercedia mais pelos conquistadores, que lhe ergueram, devido às vitórias alcançadas por sua prece, tantos templos e com tanto ouro.

Conforme Rauen (1996), na Guerra do Paraguai, Maria foi invocada pelas tropas brasileiras para a vitória (terá sido também invocada, com o mesmo propósito, pelas tropas paraguaias?). No entanto, os sargentos não só “puxavam” as tropas à frente da batalha, mas também “puxavam” o terço, rezado com as tropas. E o rezaram à véspera da batalha do Tuiti, vencida pela tríplice aliança, batalha esta que teve lugar a 24 de maio de 1865, dia de Nossa Senhora Auxiliadora. O poeta Visconde de Albuquerque, que esteve no campo de batalha, assim entoava, em 1866, sua prece:

Oh Maria santíssima! (...) Dá-nos completa vitória! | Faz do Brasil a glória | pela tua intercessão | Oh Virgem da Conceição | imortal seja na história | Ao Filho querido teu | recomenda Santa Virgem | essa esquadra cuja origem | do lenho em que Ele sofreu | traz o nome orgulhoso seu | da terra de Santa Cruz | dá-nos, Senhora, essa luz | que dirigiu Israel | sinta o inimigo infiel | que sois vós quem nos conduz. (RAUEN, 1996, 91-92).

Faz-se mister destacar que, embora a Maria tenha sido creditada a vitória brasileira – e a derrota paraguaia –, é no Paraguai, entretanto, que a Virgem tem a patente de generala, e não no Brasil⁷. Teriam sido menos devotos os paraguaios, à época da guerra, e, tendo sabido da intercessão da Virgem aos brasileiros, resolvido adotá-la em suas Forças Armadas com alta patente, para que, adiante, fosse mais benévola aos paraguaios?

Em 1951 – um ano após a proclamação do dogma da Assunção de Maria – Nossa Senhora da Assunção, padroeira do Paraguai e de sua capital, Assunção, é declarada Marechala das Forças Armadas da Nação. Mas a Virgem também mereceu honras oficiais no Brasil. Em 1971, a Assembleia Legislativa do Pará conferiu à Virgem de Nazaré o direito às honras de Chefe de Estado. (BOFF, 2006, p.606 e nota).

⁷ Aliás, como se costuma dizer, a História do Brasil, no Paraguai, é outra!

“Martelo das heresias” antigas e modernas

A Virgem, de heroicas batalhas pretéritas, vela também, como já visto, pela fé católica, e, assim, tem atuado constantemente nas refregas da Igreja ou dos católicos contra os inimigos – de cada época – da religião. Se outrora tais inimigos eram expressamente religiosos – os de fora, muçulmanos, e os de dentro, hereges e protestantes –, a partir do século XIX, os inimigos da fé católica passam a não mais ter verve explicitamente religiosa no que tange a colocar em perigo a fé católica. Desta feita, os inimigos dizem-se portadores de algo que muito preza à Igreja, desde que atribuído a Deus: as luzes. O Iluminismo – filho bastardo (ou legítimo?) do protestantismo – e suas bandeiras de democracia, liberdade de consciência, separação entre Igreja e Estado – entre outras flâmulas do gênero –, vai desencantando a *religio* e a substituindo pelo século. Nesse contexto, a Virgem, novamente, entra em ação, agora não tanto bélica quanto simbólica. Voltemos, portanto, ao nosso tão paradigmático Portugal.

18

Com a chegada das ideias liberais ao governo português, foram extintas, em 1834, as congregações e ordens religiosas, e muitos de seus bens foram secularizados. Aqui também luta Maria pela Igreja e pelos cristãos. Assim, em louvor à Senhora do Sameiro, Almeida Braga edita seus versos laudatórios, dentre os quais: “Oh! Não consintas que a feroz doutrina | que tenta derrubar os teus altares | do povo português invada os lares | e espalhe as trevas onde brilha a luz”. (CLEMENTE, 1991, p. 171). Maria e patriotismo cristão-lusitano se uniam, particularmente no epicentro católico português, Braga, através da nova devoção mariana do Sameiro, cujo santuário seria um símbolo de resistência ao liberalismo monárquico.

A pesquisadora Lucília Justino fez a compilação de várias *loas* a Maria, cantadas pelo povo em procissões e romarias, que demonstram como, em cada época, Maria perfilava-se ao lado do catolicismo português, comungando de

suas agonias, esperanças e interesses. Como já foi dito, estava ela no início da nacionalidade portuguesa, como testemunha a *loa* de 1828, referindo-se ao arrebol de Portugal: “Louvores continuados | À Virgem Sancta Maria | Que desde o primeiro Affonso | Defendeo a Monarchia”. (JUSTINO, 2004, p.102). Do mesmo ano, mas referindo-se à invasão napoleônica em Portugal e à fuga de Dom João VI para o Brasil, canta a *loa*:

O sexto amável João | que por bem de seus vassallos | tem sentido na sua alma | Mil afflicções, mil aballos | Que antes quiz expôr-se à ira | do feio, inconstante mar | que de seus fiéis vassallos | Vêr o sangue derramar | Já vós, Senhora, o livraste | passando o outro emisfério | Por não queres privallo | Do seu Lusitano Imperio. (JUSTINO, 2004, p.105).

A Maçonaria, entrementes, ganhava, no século XIX, o foro de principal inimigo do catolicismo. Aqui também a Senhora veio em socorro dos seus: “Os inimigos de Deos | Esses perversos malvados | Infames, pedreiros livres | Já tem sido derrotados”. (JUSTINO, 2004, p.108). Em 1925, é a vez da Virgem ser invocada contra o Estado liberal, em lembrança de como eram áureos os tempos em que a fé não era importunada pelos políticos republicanos: “Ao verte, Senhora, expande | o povo a sua alegria | A nossa pátria foi grande | Quando intensa fé havia”. (JUSTINO, 2004, p.111). Maria, zelosa em ser portuguesa, também ajudava àqueles que combatiam contra a independência das colônias lusas em África, pois assim canta o hino de 1961: “Lá do nosso ultramar | Partem vozes de aflição | Cabe a todos rezar | a pedir tua protecção | (...) Fazei os vossos pedidos | à Senhora maternal | Que ela ouça os gemidos | deste nosso Portugal” (JUSTINO, 2004, p.116).

Voltando, agora, o olhar ao Brasil, encontramos inspirações semelhantes. Um hino a divisar os congregados marianos, escrito por Euclides Carneiro (1958), assim invoca Maria:

Rainha e Mãe da juventude, escuta | Meu peito em chama, crepitando ardente | Vês a minha alma sôfrega de luta? | Quer combater por Deus contigo à frente! | Quero partir, Ó Mãe, de

Norte a Sul! | Às tuas ordens, quero batalhar! | Desfralda, Ó Mãe, tua bandeira azul | Abre horizontes, manda-me lutar | Sou teu soldado! Avanço? Que me dizes? | Preciptar-me à linha ensanguentada? | Sim! Que não temo golpes, cicatrizes | A combater contigo, Imaculada! (CARNEIRO, 1958, p.105).

Ser mariano era estar preparado para as batalhas que se fizessem necessárias, fosse contra o comunismo, fosse contra o Estado laicizante.

Conclusão

A Igreja do século XX, ainda que possa ter em Maria uma aliada para suas batalhas simbólicas e incruentas contra seus inimigos secularizantes, retirou-a, de vez, dos campos cruentos das batalhas físicas e a adornou com o diadema da paz. A invocação “Rainha da Paz” é acrescentada à Ladainha de Nossa Senhora pelo Papa Bento XV, em pleno horror da Primeira Guerra Mundial (BISINOTO, 2014, p.147) revelando, assim, a íntima relação e entrecruzamento entre a devoção a Maria e os acontecimentos geopolíticos mundiais. Mas interessa-nos notar que, se em antanho os Papas e os prelados e cristãos em geral invocavam Maria para a vitória na guerra, agora a invocam para a reconciliação e para a paz.

Talvez o simbólico ponto de viragem desta nova visão mariana tenha sido em 1917, justamente quando a Senhora de Fátima terá dito a Lúcia sobre o fim da Primeira Grande Guerra, ou seja, a Virgem havia deposto as armas e as patentes, e agora empenhava-se em profetizar, para júbilo do povo, a paz. E não é sem razão que esta paz mariana é anunciada não a partir das casas senhoriais dos nobres cavaleiros ou dos palácios principescos, mas do campo, a partir de camponeses, pastores, agricultores. “Todas as Senhoras veneradas pelos camponeses são resolutamente antimilitaristas” (ESPÍRITO SANTO, 1990, p.104), dado que os servos, os agricultores pobres, ao contrário dos nobres e cavaleiros, sabiam bem o que lhes aguardava nas guerras, e, por sua

lide no campo, não tinham intimidade com as artes militares. Neste ínterim o autor faz notar que esta tradição não esmoreceu e que ainda hoje (?), jovens, na idade da convocação ao Exército, apelam para a Senhora do Livramento, para que os liberte de tal imposição. E Moisés Espírito Santo vai mais longe:

Trata-se, aliás, de uma função inteiramente maternal, já que o serviço militar é considerado pelo pai, pelo Estado, como um meio de subtrair os jovens à mãe carnal, os quais até essa idade estão submetidos à respectiva autoridade, de que só se libertam definitivamente [?] pelo casamento. (ESPÍRITO SANTO, 1990, p.104).

Mas e a Virgem das batalhas, onde fica? Talvez seja oportuno dizer: com a idade dos séculos, Maria vai amadurecendo seu instinto de mãe⁸.

Referências

- BISINOTO, Eugênio. *Para conhecer e amar Nossa Senhora*. Aparecida, Santuário, 2014, p.111s-147.
- BOFF, Clodovis. *Mariologia social. O significado da Virgem para a sociedade*. São Paulo, Paulus, 2006, p.115-606 e nota.
- BRANDÃO, Ascânio. Maria no descobrimento e na independência da América. In: TARLÉ, José Gomes (Org.). *Antologia Mariana*. Rio de Janeiro, Mariana Editora, 1958, p. 97-99.
- BRANDÃO, Ascânio. Minha Nossa Senhora! In: TARLÉ, José Gomes (Org.). *Antologia Mariana*. Rio de Janeiro, Mariana Editora, 1958, p. 19-98.
- BRUSTOLIN, Leomar Antônio. *Maria, símbolo do cuidado de Deus*. Aparição de Nossa Senhora em Caravaggio. São Paulo, Paulinas, 2004.
- BRUSTOLONI, Júlio. *História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida*. A imagem, o santuário e as romarias. Aparecida, Santuário, 2008, p.346.
- CAMPANHA, João Aroldo. *Maria na América Latina antes e depois do Concílio Vaticano II*. Devoção-Teologia-Magistério Episcopal. Dissertação de Láurea. Roma, Pontifícia Faculdade de Teologia São Boaventura (*Seraphicum*), 1999, 197 fls.
- CARNEIRO, Euclides. Sou jovem mariano. In: TARLÉ, José Gomes (Org.). *Antologia Mariana*. Rio de Janeiro, Mariana Editora, 1958, p. 105.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas*. O imaginário da república no Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 1990, p.94.
- CLEMENTE, Manuel José Macário do Nascimento. Maria na devoção dos portugueses: uma devoção nacional? In: *Maria nos caminhos da Igreja*. Semanas de Estudos Teológicos da Universidade Católica Portuguesa. Lisboa, Verbo, 1991, p. 165-172.
- ESPÍRITO SANTO, Moisés. *A religião popular portuguesa*. Lisboa, Assírio&Alvim, 1990, p. 104.

⁸ E coincidentemente a partir dos séculos XIX e XX, em que o romantismo filosófico e literário também passa a influenciar a piedade mariana.

- GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara L. *Maria, Mãe de Deus e Mãe dos pobres: um ensaio a partir da mulher e da América Latina*. Petrópolis, Vozes, 1987, p.152.
- GIULIETTI, Emanuele. *História do Rosário*. São Paulo, Paulus, 2014, p.56-59.
- GRÜN, Anselm; REITZ, Petra. *Festas de Maria: um diálogo evangélico-católico*. Aparecida, Santuário, 2009, p.47.
- JUSTINO, Lucília José. *Loas a Maria: Religiosidade Popular em Portugal*. Lisboa, Edições Colibri, 2004, p.112-116.
- MACHADO, Francisco. A Assunção de Nossa Senhora. In: TARLÉ, José Gomes (Org.). *Antologia Mariana*. Rio de Janeiro, Mariana Editora, 1958, p. 61-63.
- PALACIOS, Isidro-Juan. *Aparições de Maria*. Lenda e realidade sobre o mistério mariano. Rio de Janeiro, Record, 1994.
- RAUEN, Benedito Felipe. *A Mãe de Deus e Mãe dos homens*. Belo Horizonte, Lutador, 1996, p.89-92.
- RAUEN, Benedito. *Nossa Senhora da Salette*. Padroeira dos agricultores. Curitiba, 1997.
- SARAIVA, José Hermano. *Lugares históricos de Portugal*. Lisboa, Selecções, 2007.
- SANTOS, Armando Alexandre dos. *O culto de Maria Imaculada na tradição e na história de Portugal*. São Paulo, Artpress, 1996.
- SCHREINER, Klaus. *Maria, virgen, madre, reina*. Barcelona, Herder, 1996, p.305-432.
- SHELDRAKE, Rupert. *O renascimento da natureza: o reflorescimento da ciência e de Deus*. São Paulo, Cultrix, 1993, p.38.
- ZANON, Darlei. *Nossa Senhora de todos os nomes*. Orações e história de 260 títulos marianos. São Paulo, Paulus, 2007, p. 93-204.